

GAZETA COMUNITÁRIA: A PESQUISA JORNALÍSTICA NO EXERCÍCIO LABORATORIAL IMPRESSO

Maria Cristina Pavarini de Lima¹

Resumo: O projeto *Jornal Laboratorial “Gazeta Comunitária”* consiste no exercício da atividade jornalística que culmina na produção e edição de um jornal impresso, formato tablóide, quatro páginas, com periodicidade especial e tiragem de mil exemplares. O trabalho busca levantar informações que revelam a herança sócio-cultural e econômica de sete grupos populares do Rio Grande do Norte: Cooperativa dos Pequenos Produtores e Produtoras Rurais Familiares do Sertão Central Cabugi - COOPERCABUGI (Lajes); Grupo Teatral Águia - GTA (Poço Branco); Assentamento Santa Luzia II (Poço Branco); Associação dos Artesãos de Poço Branco - ARTBRANCO (Poço Branco); Comissão Pró-Associação dos Produtores Familiares do Assentamento Boqueirão (Touros); Quilombo de Acauã (Poço Branco) e Associação Jovem Construindo Futuro (Brasília Teimosa, Natal). A idéia do “Gazeta Comunitária”, como parte das ações do Plano de Negócios da Incubadora de Iniciativas e Cooperativas Populares do Rio Grande do Norte (INCOOP-RN), consolida-se dentro da Rede Tecnológica de Incubadoras, desenvolvida em parceria com a Universidade Potiguar (UnP), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Fundação Banco do Brasil (FBB).

Palavras-chave: Jornalismo comunitário; Jornalismo impresso; Jornalismo laboratorial.

INTRODUÇÃO

Como exercício laboratorial levado aos alunos do Curso de Jornalismo da Universidade Potiguar, o “Gazeta Comunitária” busca atender à necessidade da prática jornalística real que envolve verdade, precisão, efeitos de informação, respeito aos leitores e às fontes. Ao mesmo tempo, visa entrelaçar o conteúdo teórico ministrado em salas de aula com as técnicas do fazer jornalístico impresso, com benefício imediato dos alunos que vêm nele a oportunidade de afinarem com as exigências práticas da profissão e para a sociedade formada pelos grupos populares, que passa a ter mais uma opção de veículo de informação.

O objetivo principal do projeto é proporcionar aos alunos a prática do conteúdo teórico do programa e ao mesmo tempo se transformar em porta-voz de comunidades carentes de informação. No campo pedagógico, visa articular a teoria e a prática dentro de um efetivo fazer jornalístico, que envolve questões éticas, técnicas e estéticas; criar um espaço próprio no qual a professora tenha a oportunidade de preparar os alunos para as fases posteriores do curso no domínio da coleta das informações e de sua posterior interpretação, portanto futuros profissionais conscientes para oferecerem respostas adequadas aos desafios do mercado de trabalho potiguar.

O jornal “Gazeta Comunitária” permite aos alunos assumirem papel ativo em seu processo de aprendizado, à medida que ele se confronta com a realidade e essa, paralelamente, o condiciona para a busca de algumas soluções, passíveis de serem discutidas, sob a orientação da professora, tendo em vista possíveis repercussões no campo da ética profissional. Ao mesmo tempo apresenta aos alunos o contato empírico com o dia-a-dia de uma redação, notadamente limitação de tempo de captação das informações e produção do texto e de espaço para a sua publicação, visando atender à periodicidade especial do veículo.

Dentro do preceito comunitário, o jornal “Gazeta Comunitária” assume papel preponderante à medida que se transforma em um mecanismo de comunicação para as

¹ Professora, Mestre, do Curso de Jornalismo da Universidade Potiguar – UnP; mcristina@unp.br.

reivindicações dos grupos populares alvo, no que se refere às ações e omissões do poder público, bem como para a divulgação de projetos de cunho sócio-culturais-econômicos e ações desenvolvidas. Tendo em vista a proximidade da notícia com o leitor, o veículo também se constitui numa alternativa para o local carente de informações, além de consolidar o papel da Universidade Potiguar (UnP), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Fundação Banco do Brasil (FBB), parceiros do projeto, a serviço da comunidade potiguar.

No que se refere ao preceito social, o jornal “Gazeta Comunitária” se caracteriza como instrumento de mobilização social, verdadeiro porta-voz das necessidades, anseios e expectativas dos grupos populares. Por outro lado, coloca os alunos em contato com a realidade social comum ao Estado do Rio Grande do Norte em que certamente irão atuar como profissionais. O exercício laboratorial se caracteriza durante a captação das informações para a produção das matérias, em momentos programados para o estreitamento do compromisso do veículo com as comunidades locais, bem como no período de distribuição dos exemplares, para o público-alvo.

O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. Essa função é exatamente a definida como a de agente inteligente. (LAGE, 2001, p. 23).

Os alunos são responsáveis pela sistematização do fazer jornalístico, com ênfase na pesquisa jornalística. Isso porque, toda vez que o jornalista se propõe redigir uma matéria, deve ter em mente que ela se transformará em uma fonte de pesquisa tanto em nível científico quanto histórico. O fazer jornalístico exige, portanto, uma metodologia rítmica própria de discurso, com procedimentos ordenados de pensamento.

O registro de informações é muito mais do que abordar falas entre aspas. É preciso que se conheça o contexto em que os fatos eclodem e que se saiba interpretá-los. Fazer a leitura do ambiente objeto da reportagem é condição primordial para o bom repórter. Métodos adequados de abordagem e de redação são responsáveis pelo exercício do jornalismo por excelência.

Traduzir já não é pouco: basta confrontar o efeito emocional de expressões como “hidrolato simples” e “perda de poder aquisitivo”, por um lado, e “água” e “empobrecimento”, por outro. Mas o processo não pode ser reduzido à simples troca de itens léxicos. O processamento mental da informação pelo repórter inclui a percepção do que é dito ou do que acontece, a sua inserção em um contexto (o social e, além desse, toda informação guardada na memória) e a produção de nova mensagem, que será levada aos públicos a partir de uma estimativa sobre o tipo de informação de que esse público precisa ou qual quer receber. Em suma, o repórter, além de traduzir, deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade. (LAGE, 2001, p. 22-23).

Assim, captar e devolver a informação codificada na forma escrita e fotográfica, através de um veículo de comunicação impresso, para grupos populares, implica muito mais do que ouvir as fontes e transcrever as suas falas. Representa a tentativa de despertar valores inerentes a cada indivíduo e ao meio em que está inserido, ampliando sua capacidade de reagir diante dos detentores do poder.

Somente as culturas letradas dominaram as seqüências lineares concatenadas como formas de organização psíquica social [...] a civilização se baseia na

alfabetização porque esta é um processamento uniforme de uma cultura pelo sentido da visão, projetado no espaço e no tempo pelo alfabeto [...] a cultura fonética fornece aos homens os meios de reprimir sentimentos e emoções quando envolvidos na ação. Agir sem reagir e sem se envolver é uma das vantagens peculiares ao homem ocidental letrado. (MCLUHAN 1974, p.105).

No mundo atual, a tecnologia eletro-eletrônica-informatizada cria um forte vínculo do homem com a palavra falada, em detrimento da palavra escrita. O jornal impresso tem o seu papel, em comunidades cujos mecanismos modernos (informatizados) de comunicação não estão incluídos. Há a possibilidade de modificar o meio ambiente do qual os componentes dos grupos populares fazem parte, respeitando a identidade cultural, uma vez que são agentes do processo e têm voz, possibilitando assim a criação de um espaço de discussão para as suas necessidades básicas como seres sociais.

Dentro desse contexto, o projeto visa capacitar os alunos a compreenderem os aspectos inerentes ao papel social do jornalismo, inclusive no que diz respeito à preservação da memória de comunidades potiguaras. Ao mesmo tempo realiza um treinamento quanto ao uso correto da documentação captada das fontes, levando-os a uma atitude crítico-reflexiva diante dos fatos que deverão registrar. Através do exercício laboratorial, no “Gazeta Comunitária”, os alunos têm a oportunidade de colocar em prática os conteúdos ministrados nas disciplinas de cunho humanísticos dos primeiros anos do Curso de Jornalismo da UnP.

1. IMPRENSA ALTERNATIVA

O jornalismo comunitário tem despertado interesse de profissionais que acreditam que o jornalismo não se pratica apenas nas redações dos grandes veículos de comunicação, atendendo a interesses de grupos poderosos. Com isso, esses profissionais fazem uso de ferramentas jornalísticas disponíveis, principalmente no meio acadêmico, como alternativa não mercantilista e na busca da ruptura de interesses que envolvem o pensamento do jornal-empresa. Está nas universidades a oportunidade para a imprensa alternativa. Sabe-se que

As pessoas que detêm algum poder ou se estabelecem em áreas de influência social costumam sustentar uma visão publicista do jornalismo. É por causa dessa concepção que políticos, economistas e dirigentes sindicais lutam para impor aos órgãos que controlam o palavrório empolado de seus discursos: e os intelectuais em geral, incapazes de distinguir informação de propaganda, imaginam que os jornalistas têm poder absurdo sobre o público, que eles chamam de *massa*, quando lhes é hostil, e *povo*, quando lhes é simpático. (LAGE, 2001, p.11-12).

A imprensa alternativa tem demonstrado ser a representação das populações sem direito a voz. À medida que os problemas e anseios de comunidades excluídas social e economicamente circulam, mesmo que restritas a um pequeno grupo de organizações com o mesmo objetivo, novos mecanismos são desencadeados. Ao contrário do jornalismo praticado na grande imprensa, cujos interesses descambam pelo campo da política e da economia capitalista, quase sempre entrelaçadas, o jornalismo comunitário trabalha na vertente da economia solidária.

Dessa forma, os alunos envolvidos no projeto devem fazer a sua própria reflexão e extrair do acontecimento elementos que traduzam os anseios das comunidades e ao mesmo tempo despertem no leitor interesse pelo que é divulgado. Mais do que no jornalismo diário, quando se trabalha com alunos projetos jornalísticos laboratoriais de cunho comunitário, é preciso mostrar a

eles o compromisso com as fontes e com o público leitor. O “Gazeta Comunitária” divulga informações das fontes que ao mesmo tempo se constituem no público leitor.

O jornal não busca apenas e tão somente preparar o aluno, tecnicamente, para o mercado de trabalho. Acreditamos que, com o exercício supervisionado, de forma individualizada, teremos alunos melhor preparados do que aqueles que não se envolveram com projetos laboratoriais semelhantes. Antes, é buscar transmitir a ele a importância de um jornalismo ético e de interesse humano.

Não basta, no entanto publicar um jornal apenas para satisfazer a vaidade pessoal do aluno ou cumprir uma tarefa determinada pelo professor. É fundamental que um jornal-laboratório seja dirigido a uma determinada comunidade para ter um público definido e ser um veículo com todas as características de um jornal profissional. Uma publicação que leve a comunidade a tomar consciência de seus problemas e a organizar-se para resolvê-los. Dessa forma o estudante de Jornalismo poderá ser realmente habilitado para o mercado de trabalho. (LOPES, 1989, p. 16).

Cada detalhe é repensado, tendo no laboratório a oportunidade de experimentar, experimentar e experimentar. A adequação do projeto não vem do mercado, como acontece com a imprensa diária, e sim da discussão de como melhor atender o público alvo. Para a informação não podemos estabelecer valores monetários, apesar de se constituir num produto que pode ser colocado à venda. A sua disponibilidade nas prateleiras, quando falamos em produção jornalística comunitária, requer todo um procedimento carregado de uma simbologia peculiar, um dos recursos é justamente o projeto gráfico.

Através de estudos, chegou-se a um projeto gráfico para o “Gazeta Comunitária” capaz de combinar, esteticamente, os símbolos visuais distribuídos entre as fontes gráficas, traços, ilustrações e fotos. O objetivo foi criar uma identidade própria para o veículo, atendendo às necessidades do público alvo, que se compreende carregado de dificuldades no que se refere ao acesso à leitura lingüística, em função do alto índice de analfabetismo.

1.2 Da pauta à distribuição

A edição do jornal segue a seqüência exigida pela sistematização dos processos sociais, por intermédio da atividade jornalística, que envolve captação, redação e divulgação. A rotina inicia-se com reuniões de pauta, responsável pelo planejamento da edição, das quais participam os alunos, bem como os estagiários e coordenadores dos projetos desenvolvidos nas cooperativas e grupos populares e seus representantes comunitários (a cada edição buscamos reforçar a importância de levantar pautas na própria comunidade e não entre as paredes da universidade).

Em seguida são planejadas as viagens para o recolhimento das informações. Na apuração das informações, o contato com as fontes permite ao aluno o desenvolvimento de matérias revestidas de interesse humano. Para a redação dos textos, a equipe é orientada sobre a necessidade da análise e interpretação dos dados. O projeto busca trabalhar os diversos gêneros do jornalismo contemporâneo, com ênfase na reportagem de interesse humano, tanto para atrair a atenção do leitor, quanto pelo significado discursivo do gênero. Os alunos são levados a perceber situações que podem ser exploradas com esse fim jornalístico.

A prática do foto-jornalismo tem recebido atenção especial, na busca de despertar tanto nos redatores, quanto no repórter-fotográfico a importância da contextualização da imagem com o texto. No conjunto das informações transmitidas ao público leitor, a fotografia tem representatividade semântica de grande valor. Por outro lado, é pobre no campo da sintaxe, no que se refere ao processo de significação. Cabe aos textos, às legendas, aos títulos preencher essa

lacuna, em função da riqueza da sintaxe. Estabelecer a relação entre a semântica e a sintaxe é permitir que o fato retratado ganhe sentido na mente do leitor como se ele tivesse vivenciado o fato.

A fotografia jornalística é atividade especializada, cujo desempenho envolve conhecimentos muito além do manuseio do processo. Trata-se de selecionar e enquadrar elementos semânticos de realidade de modo que, congelados na película fotográfica, transmitam informação jornalística. (LAGE, 1999, p. 26)

Para reforçar essa relação, durante o processo de revisão dos textos produzidos pelos alunos, todos os aspectos do fato são questionados e checados, para criar neles a responsabilidade sobre a divulgação das informações coletadas, levando-se em consideração o respeito às fontes, à veracidade das informações e à conduta ética. Todos são responsáveis pela revisão da arte, acompanhamento da impressão gráfica e distribuição para o público alvo. A cada edição, é feita uma avaliação crítica do jornal, com vistas à melhoria.

Luiz Beltrão lembra que as escolas têm como objetivo cumprir três funções primordiais: a) formar profissionais ministrando-lhes conhecimento de coleta, redação, interpretação, seleção e apresentação gráfica da notícia, com a utilização de métodos e processos racionais e práticos e, simultaneamente, das ciências e das artes, que lhes elevam o nível cultural; b) promover e desenvolver investigações e análises sobre os meios de comunicação coletiva, embasadas nos modernos métodos de investigação e com o emprego do instrumental adequado, controlando não apenas a melhoria dos padrões técnicos da imprensa de sua região ou país, como também sua maior influência na formação da opinião pública; c) funcionar como um núcleo de renovação dos processos jornalísticos servindo de laboratório para experiências morfológicas e de conteúdo (de redação) das matérias, ações e serviços que a comunidade espera encontrar nesses meios. (apud LOPES, 1989, p. 14).

A luta travada por alguns professores, para cobrir possíveis deficiências de aprendizado, assim como fomentar a formação humanística dos alunos dos cursos de Jornalismo, através do exercício laboratorial, tem repercutido dentro das universidades públicas e privadas, desde a década de 1970. Buscamos, também, com a implantação do projeto laboratorial “Gazeta Comunitária” suprir uma lacuna deixada pelas leis trabalhistas brasileiras, que proíbe o estágio para estudantes de jornalismo. “Ninguém aprende a fazer reportagem ou entrevista por devaneio ou imaginação; e fazendo-as, a rigor ao vivo, delas não tirará fruto apreciável se não as vir publicadas”. (RIZZINI, apud LOPES, 1989, p. 16).

O aluno ganha não só na implementação de seu currículo, como também quanto na capacidade de se soltar e adquirir confiança para o momento em que for requisitado pelo mercado.

CONCLUSÃO

A elaboração do projeto do jornal “Gazeta Comunitária” partiu, primeiramente, de reflexões com base na experiência vivida durante as aulas ministradas para os alunos do segundo ano de Jornalismo da UnP, nas disciplinas Jornalismo Impresso I e II. Como acreditamos que não bastam para os alunos a teoria e os exercícios de texto em sala de aula e uma vez que a legislação trabalhista brasileira não permite o estágio para os estudantes de jornalismo e ao

mesmo tempo o repasse das disciplinas para outra professora da instituição, buscamos ampliar a proposta para o exercício laboratorial fora do contexto de duas disciplinas apenas.

O fazer jornalístico exige, nos dias atuais, ainda nos bancos universitários, trabalhos produzidos pelos alunos com fatos reais e não apenas os simulados, especialmente direcionados a uma comunidade. Em um país, cujos índices de analfabetismo chegam a números alarmantes² e o acesso aos jornais está nas mãos de uma minoria, não acreditamos que os veículos eletrônicos modernos tenham penetração imediata, em especial nos rincões do Rio Grande do Norte.

A vida humana cresce em complexidade, à medida que as novas tecnologias se estabelecem. Desta forma, dizer que o jornal impresso terá morte imediata não faz parte de nossos pensamentos num prazo médio de tempo. Não ainda neste século, daí a escolha de um periódico impresso como projeto laboratorial para alunos do Curso de Jornalismo da UnP, que contemple a participação de alunos do primeiro ao último ano.

Para o projeto foi pensado em primeiro plano cobrir os interesses do grupo de leitores para o qual o veículo se destina. A prática do jornalismo alternativo de cunho comunitário estabelece um vínculo estreito entre público e veículo impresso. Através desse modelo de jornal, é que são veiculadas notícias que os grandes jornais diários não conseguem ou não querem publicar. O projeto editorial do jornal “Gazeta Comunitária” tem como principal objetivo exercer um jornalismo independente, ou seja, desvinculado de grupos políticos ou econômicos.

Embora seja apenas um exercício laboratorial, desenvolvido por alunos do Curso de Jornalismo, o projeto busca atender ao pluralismo de opiniões, criando um vínculo aberto às mais variadas posições, mas crítico e de natureza investigativa. Visa também manter, em primeiro plano, a ética jornalística já nos bancos universitários e principalmente o respeito às fontes de informação.

REFERÊNCIAS

LAGE, Nilson. Linguagem jornalística. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório.** Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989. Novas Buscas em Comunicação. 32v.

MACLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media). Tradução de Décio Pignatari. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

<http://www.consciencia.net/educação/hist/censo.html>. Acesso em 29.06.2005

² No Brasil ainda vivem 17,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais que não sabem ler nem escrever. Apesar do aumento do número de brasileiros alfabetizados, o Censo 2000 comprovou que o país ainda tem uma das maiores taxas de analfabetismo da América Latina. (<http://www.consciencia.net/educacao/hist/censo.html>). Acessado em 29.06.2005 às 11 horas.